

139 "Filosofia do cruzado continua" 131

Brasília — "A filosofia do Plano Cruzado não pode ser mudada. Os avanços sociais conquistados pela reforma econômica implantada pelo presidente Sarney têm que continuar". Durante uma entrevista dada na Câmara aos jornalistas estrangeiros que vieram ao Brasil acompanhar as eleições, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não quis adiantar qualquer outra opinião sobre os reajustes que o Cruzado deverá sofrer nos próximos dias.

— Até o fim da semana passada, estive inteiramente voltado para a campanha em todos os Estados do país. Por isso, não sei nada do que está sendo planejado. Acabei de conversar com o presidente Sarney e ele me prometeu um encontro com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Aí, vou me inteirar sobre o que estão estudando e, só depois disto, poderei me posicionar — declarou.

Mesmo antes de conhecer os detalhes das modificações econômicas, Ulysses Guimarães foi enfático:

— O cruzado abriu cerca de 2 milhões de novos empregos, aumentou o poder de consumo em aproximadamente 30%, levou a inflação a níveis irrisórios. A substância do Plano não pode desaparecer.

O presidente do PMDB reconheceu a necessidade de alguns reajustes — "coisas como

correções de percurso." — e se declarou contra o fim do chamado gatilho salarial:

— Mesmo com pequena taxa de inflação, o salário do trabalhador tem que ser automaticamente corrigido em proporções suficientes. Onde há miséria não há lei, precisamos mudar a geografia brasileira, dando fim às bialfrafas que temos espalhadas por várias regiões do país.

Para Ulysses Guimarães, o comportamento do país frente à dívida externa também precisa ser redefinido.

— Dizem que sofremos uma sangria ao enviarmos para o exterior de 12 a 15 bilhões de dólares por ano. Ora, isto não é mais sangria, já é hemorragia. A dívida externa passa pela questão social interna e aos governantes cabe a definição das prioridades nacionais.

Segundo o presidente do PMDB, é impraticável continuar convivendo com a realidade de o Brasil ser a 8ª economia do mundo, ao mesmo tempo em que está colocado em 43º lugar a nível de desenvolvimento social.

— Como sermos tão ricos e pobres simultaneamente? É inadmissível termos, ainda, 30 milhões de analfabetos e 35 milhões de carentes. Vivemos uma disparidade terrível que tem que ser irrigada com a seiva do desenvolvimento social irreversível.